

PSICOLOGUA ESCOLAR: A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL COMO UMA VERTENTE NA INCLUSÃO EDUCACIONAL

Aparecida da Costa Nunes

Acadêmica do 10 semestre do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG).

Renata Vilela Rodrigues

Profa. Orientadora do curso de Psicologia do UNIVAG. Graduada em Psicologia e Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea, ambos pela UFMT.

RESUMO

Este artigo tem por finalidade a partir da Orientação Profissional como um viés da psicologia escolar, investigar e propor perspectivas através do relato de experiência que esteja ligada a profissionalização de jovens que fazem parte dos anos finais do ensino básico Público. A metodologia partiu da narrativa etnográfica, baseada na observação e descrição, utilizando o estágio básico supervisionado em uma Escola Estadual em Cuiabá-MT. O artigo tem por objetivo possibilitar a reflexão e trazer considerações que sejam significativas para área de estudo da psicologia escolar e a orientação profissional como uma ferramenta de inclusão. Sua fundamentação teórica está direcionada para artigos e livros que trazem conceitos fundamentais direcionadas a este tema. A partir da realização de cinco Oficinas que tiveram o objetivo de reproduzir e desenvolver toda a teoria proposta pelo estágio, pudemos observar que os alunos participaram ativamente, debateram e refletiram sobre as profissões, sobre o mercado de trabalho, questões de escolhas profissional e tomaram conhecimento sobre as políticas afirmativas. Concluimos, portanto, a importância de se pensar na inclusão da Orientação Profissional como parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), tornando-o parte da Educação Infantil, Fundamental e médio.

Palavras-Chave: Psicologia Escolar. Orientação Profissional. Educação.

ABSTRACT

This article aims, from the Professional Orientation as a school psychology bias, to investigate and propose perspectives through the report of experience that is linked to the professionalization of young people who are part of the final years of public basic education. The methodology started from the ethnographic narrative, based on observation and description, using the supervised basic internship at a state school in Cuiabá-MT. The article aims to enable reflection and bring considerations that are significant to the area of study of school psychology and professional guidance as an inclusion tool. Its theoretical foundation is directed to articles and books that bring

fundamental concepts to this theme. From the realization of five workshops that aimed to reproduce and develop all the theory proposed by the internship, we could observe that the students actively participated, debated and reflected on the professions, on the job market, issues of professional choices and became aware on affirmative policies. We therefore concluded the importance of thinking about the inclusion of Vocational Guidance as part of the National Curriculum Parameters (PCNs), making it part of Early Childhood Education, Elementary and High School.

Keywords: School Psychology. Professional orientation. Education.

1. INTRODUÇÃO

Contemporaneamente, a Psicologia em meio aos seus saberes busca, através da atuação preventiva, relacional e interdisciplinar, a promoção da saúde mental, possibilitando atuar em vários âmbitos, considerando as particularidades de cada área e atendendo as demandas específicas de cada local. A partir dessa perspectiva de atuação do psicólogo, neste trabalho damos visibilidade a atuação preventiva e relacional da Psicologia Escolar/Educacional¹, possibilitando uma desconstrução do psicólogo atuante apenas como clínico-terapêutico em consultórios privados.

Mais especificamente, este artigo trata-se de um Relato de Experiência elaborado enquanto estagiária de Psicologia em uma escola da Rede Estadual em Cuiabá-MT, que vem se fundamentar a partir do olhar da psicologia escolar para a organização de ensino, tendo como principal finalidade levantar, analisar e descrever como a psicologia escolar a partir da Orientação Profissional pode contribuir com a educação na formação do sujeito que está inserido na escola, sem deixar de compreender todo o contexto e necessidades que esse aluno traz consigo (MARTINEZ, 2010).

Nesse sentido, a Orientação Profissional possibilita espaço de reflexão sobre o processo de escolha profissional do aluno nas instituições educativas, procurando compreender a escolha profissional a partir do ambiente em que os mesmos estão inseridos, analisando as contribuições na falta de perspectiva da opção profissional e

¹ Muitas discussões são colocadas entre alguns autores em relação a psicologia escolar e psicologia educacional, havendo algumas implicações teóricas que não serão aqui tratadas.

procurando levantar possibilidades para esses sujeitos com possíveis meios de orientações e prevenção, a partir de um momento orientativo (MARTINEZ, 2010).

De acordo com Maluf e Cruces (2008), a psicologia escolar tem trazido uma gama de cuidados com a prevenção, conscientização, inclusão, coletividade, ações, reflexões para contribuir, através da interdisciplinaridade, com os problemas concretos das escolas. Neste contexto, a psicologia escolar busca trabalhar em conjunto com a educação, envolvendo a equipe gestora, pedagógica e demais membros da comunidade escolar. Baseando-se na perspectiva relacional de atuação, edifica ações que contribuam para o crescimento dos sujeitos escolares, pensar em ações mais efetivas, que vão de encontro a realidade que realmente está sendo vivenciada, assim sendo, iremos propor a orientação profissional como um viés da psicologia escolar que venha a contribuir para as escolhas e a inclusão desse sujeito no mercado de trabalho.

A partir da teoria da Psicologia Escolar/Educacional, discutiremos, ainda, alguns pressupostos que se fazem necessário para o entendimento da psicologia em instituições educativas. Para isso, entendemos ser necessário conceituar educação. Segundo Antunes (2008), a educação é determinada como parte de um processo de humanização do sujeito definindo seu processo histórico e social, que vai sendo constituído a partir do conhecimento cultural ao qual ele está inserido, este processo é definido pela autora como determinada e determinante.

Neste contexto, a educação passa a ser uma organização gerada das necessidades de uma sociedade, se adaptando as demandas que lhe eram impostas, no qual ela passa a se ressignificar adotando diversas formas ao longo de sua história. A educação define-se, em síntese, como um dos principais fatores para se alcançar a plena cidadania a todos os indivíduos, sob essa perspectiva, “a escola tem como finalidade a universalização, criando condições para a aprendizagem e para o desenvolvimento de todos os membros da sociedade” (ANTUNES, 2008, p. 470).

Ainda segundo Antunes (2008), a psicologia educacional e psicologia escolar apesar de estarem relacionadas não possuem aspectos idênticos sendo autônomas em suas áreas de atuação, enquanto a psicologia escolar se define em atuar em um campo específico que é a escolarização, utilizando-se da escola como seu objeto e entendendo as relações que ali se constituem, já a psicologia educacional, é vista

como uma área de conhecimento produzindo saberes psicológicos para contribuir com o processo educativo.

2. PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS

No Brasil, a psicologia é regulamentada como área de conhecimento e prática apenas a partir de 1962. Nesse período, desenvolvem-se três áreas específicas de conhecimento: a clínica, a Psicologia do Trabalho e a Psicologia Escolar (FERREIRA NETO, 2011). Segundo Netto (2011), no cenário internacional, entretanto, visualizamos o desenvolvimento da Psicologia desde o século XIX. Ainda segundo o autor, a psicologia escolar e todo seu processo de construção vem fazer seus primeiros movimentos nos Estados Unidos após a publicação do artigo “*O conteúdo da mente das crianças quando ingressam na escola*” por Stanley Hall em 1882 que acabou contribuindo para um fortalecimento de possíveis laços entre psicologia e a escola.

Em 1896, o professor e doutor Lighnner R. Witmer, através de suas pesquisas sobre a criança, funda a primeira clínica nos EUA que simboliza o ponto de partida, ao mesmo tempo, da psicologia escolar e da psicologia clínica. Pois, essa clínica, que surge a partir do encaminhamento de um adolescente de 14 anos com dificuldade de soletrar, utilizava-se de atendimentos clínicos e avaliação psicológica no atendimento da queixa escolar. Nessa direção, sua ideia inicial era contribuir no processo de dificuldade de aprendizagem, desenvolvendo pesquisas tanto para a psicologia escolar quanto para a psicologia clínica (NETTO, 2011).

Segundo Netto (2011), a origem e o desenvolvimento da psicologia escolar foram acontecendo a partir de um contexto social vistas tanto na América, quanto na Europa, relacionadas a mudanças econômicas e sociais, a o qual se vê uma crise até nas estruturas familiares. Como o autor traz: “de ambientes personalizados e rurais, essa sociedade passa a contextos despersonalizados, urbanos e industrializados” (NETTO, 2011, p.14).

É em meio a esse crescimento ambiental e populacional que surge a expansão do ensino público e o abandono de menores de idade, acarretando na procura de profissionais que pudessem auxiliar às escolas e os órgãos jurídicos aos problemas que iam surgindo, tais como: dificuldade de aprendizagem, delinquência,

desenvolvimento da criança, entre outros. É nesse cenário que surge a psicologia escolar na América e na Europa (NETTO, 2011).

De acordo com Netto (2011), desde a década de 1930 houve a normatização e o credenciamento de psicólogos escolares, sendo que apenas 51 anos depois, em 1981 veio a ser estabelecido e divulgado pela APA as Diretrizes e Especialidades para a prestação de serviços por psicólogos escolares, o que vemos diante dessas circunstâncias é a contribuição e iniciativas dos países europeus e norte-americanos que vieram a resultar no surgimento da psicologia escolar.

Já no Brasil, alguns autores argumentam que a relação entre psicologia e educação se desenvolveu desde o período colonial. Antunes (2008) mostra que ao longo desse processo de evolução muitas questões e temas foram debatidos propiciado pelo contexto em que a sociedade do período estava inserida, convicções que iam contra a ideia que se era instituída como deveres da sociedade em padrões que eram estabelecidos como um meio de dominação dessa colônia ou sociedade, é a partir desses fatos e acontecimentos e de outras áreas do conhecimento, que surgem temas que vão se tornar próprio da psicologia no ambiente educacional.

Netto (2011), ao realizar uma relação entre psicologia e ensino, argumenta que o desenvolvimento da psicologia no Brasil está ligado essencialmente às escolas normais, entre o período de 1830 e 1940. Na grade curricular de formação dos professores existia uma disciplina denominada Pedagógica que compreendia três dimensões: a pedagogia, a metodologia de ensino e a psicologia. Em 1931, quando ocorre a criação dos cursos de Aperfeiçoamento de Professores Primários, com duração de dois anos, havia uma disciplina denominada de Psicologia e suas aplicações a educação.

No final do século do século XIX, há mudanças significativas na economia, educação e visão de homem, como, por exemplo, a obrigatoriedade da educação, com o papel de tornar esses sujeitos aptos e qualificados, atendendo a um segundo momento dessas mudanças, a industrialização que buscava a modernidade através do modelo agrário-exportador. Todas essas modificações acarretaram uma exigência de um ideal de vida e de mercado de trabalho, que se estabelecerá buscando a modernidade em uma sociedade capitalista, assim se torna responsabilidade da educação a formação dessa massa da população (ANTUNES, 2008).

Nessa perspectiva, Antunes (2008) coloca que a psicologia educacional, enquanto prática, se inicia no Brasil como uma das possibilidades para educação trazidas de espaços de reflexões em escolas pedagógicas, no qual se houve algumas discussões sobre a criança e seu processo educativo, no qual já se vê alguns temas como aprendizagem, desenvolvimento, ensino e outros, que mais na frente vão ser considerados como objetos da própria prática da psicologia.

Assim como aconteceu nos Estados Unidos, a psicologia escolar brasileira privilegiava em seus primórdios a utilização do atendimento clínico-individual e a avaliação psicológica, como técnicas para a identificação/avaliação das dificuldades escolares. Antunes (2008, p. 472), mostra que a psicologia escolar utilizava “a interpretação indiscriminadas e aligeiradas de teorias e técnicas psicológicas, como os testes a responsabilização da criança e de sua família, em nome de problemas ditos de ‘ordem emocional’, para justificar o desempenho do aluno na escola”.

Maluf e Cruces (2008), ao traçar de modo crítico o desenvolvimento da psicologia escolar, argumentam que durante todo o regime militar e década de 1980, a atuação do psicólogo nas escolas tendia a ser descontextualizada e não-crítica, principalmente quando realizada com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem das camadas mais pobres da população. De igual modo Antunes (2008), propõe que esse modelo de atuação contribuiu para o entendimento de que o “fracasso escolar” ou o “insucesso escolar” era responsabilidade da criança e da sua família, sem que os determinantes sociais, escolares, políticos e econômicos fossem analisados no processo de dificuldade do aluno.

As questões trazidas pelas autoras supracitadas, nos leva a entender em que momento a inserção do psicólogo escolar foi possível em seu campo, as formas e maneiras éticas de se poder trabalhar e as mudanças que foram acontecendo conforme as necessidades da própria sociedade.

Segundo Oliveira e Araújo (2009), esse desenvolvimento da psicologia na educação se dá a partir da emergência da psicologia enquanto modelo clínico que se foi estabelecida na prática profissional do psicólogo dentro da escola. Os autores ainda salientam que essa prática estava ligada objetivamente ao psicodiagnóstico e a avaliação psicológica.

Entretanto, as teorias e práticas da psicologia escolar em relação a atuação do psicólogo foram se transformando e se reestruturando ao longo dos anos de 1990,

com isso os profissionais passam a refletir em relação a essa fragmentação do sujeito, e a deixar de culpabilizar pela sua dificuldade de aprendizagem, olhando não só para o sujeito, mas também para suas relações e seu contexto de desenvolvimento. Podemos assim dizer que toda essa problemática acabou por levar os atuantes dessa área a compreender que a aplicação dos conhecimentos da psicologia sem um planejamento e análise necessária podem gerar a patologização de um determinado grupo, levando a exclusão dos mesmos (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2009).

De acordo com Oliveira e Araújo (2009), todo esse processo que o modelo clínico acarretou com sua prática deve levar o psicólogo a se comprometer com a modificação do método tradicional e clínico de atendimento às queixas escolares, apontando a prevenção como uma das possibilidades contemporâneas de atuação deste profissional. A atuação preventiva em psicologia escolar se propõe a pensar antecipadamente nas possíveis problemáticas e possibilidades de promoção de desenvolvimento e saúde na escola, de acordo com a demanda do sujeito.

O processo de desenvolvimento histórico da Psicologia Escolar se deu, portanto, em duas dimensões: ensino e prática. Essas dimensões nos levam a entender que psicologia e educação foi mutuamente desenvolvida, consolidando a teoria que denomina psicologia educacional. A educação tem sido um dos caminhos que a psicologia escolar busca, através da interdisciplinaridade, trabalhar em conjunto, possibilitando meios de prevenção e conscientização (ANTUNES, 2008).

Entendemos que a educação é como uma prática social humanizada e, intencional, cuja finalidade é transmitir a cultura construída historicamente pela humanidade. O homem não nasce humanizado, mas torna-se humano por seu pertencimento ao mundo histórico-social e pela incorporação desse mundo em si mesmo, processo este para o qual concorre a educação. A historicidade e a sociabilidade são constitutivas do ser humano; a educação é, nesse processo, determinada e determinante (ANTUNES, 2008, p. 469).

A escola, por sua vez, tem a finalidade de promover a universalização do conhecimento, “criando condições para a aprendizagem e para o desenvolvimento de todos os membros da sociedade” (ANTUNES, 2008, p. 470). Podemos, assim, argumentar que a psicologia a partir desse viés veio propor e contribuir nesse processo de desenvolvimento do sujeito que está inserido na instituição de ensino, colaborando através das relações que vão sendo estabelecidas no ambiente educacional para a otimização dos processos educacionais (MARTINEZ, 2010).

Nessa mesma direção, Patto (1982) propõe a psicologia escolar como uma área que se venha trazer possibilidades de se trabalhar em conjunto com a escola, o objetivo é trazer melhorias para a qualidade de vida do sujeito, contribuindo para a melhora do processo educacional. Segundo a autora,

O psicólogo escolar atua, em primeiro lugar, de acordo com um papel de educador seu objetivo básico no sistema da escola pública é ajudar a aumentar a qualidade e a eficiência do processo educacional através da aplicação dos conhecimentos psicológicos. Ele está na escola para ajudar a planejar programas educacionais para as crianças (p. 13).

Importante frisar neste ponto que, apesar do desenvolvimento da psicologia escolar no Brasil datar do período de regulamentação da profissão em 1962, foi só em 2019, noventa anos depois, que é sancionada a Lei 13.935/2019 que garante que as escolas contarão com os serviços de psicologia escolar, atuando por meio de equipes interdisciplinar (BRASIL, 2019). Nesse contexto vemos onde as ressignificações da psicologia escolar pôde chegar, as contribuições teóricas e prática, e a luta da própria sociedade e suas necessidades levaram ao longo de todos esses anos a esse objetivo tão esperado, a inclusão do psicólogo escolar como parte da equipe educacional.

Analisando a lei entendemos que a ela vem dar suporte a toda uma educação que busca torna-se seus sujeitos parte da sociedade através do ensino, mas também tentando entender o contexto em que o mesmo está inserido, afinal esse sujeito não vem sozinho, traz consigo o sofrimento, os anseios e os conflitos de uma vida. Isso nos faz ater, que a escola, em meio as suas convicções, esteja em uma luta para tentar ajuda esse sujeito, apesar das questões e conflitos que já tenta resolver dentro dos seus muros.

A lei possibilita, assim, não só a inserção do psicólogo nas escolas, mas também, e principalmente, que este possa auxiliá-las nesses conflitos. Essa nova perspectiva de atuação do psicólogo escolar atende não só ao aluno, mas também as relações interpessoais dentro da escola; cria espaços que possibilite a interlocução de todos que estão inseridos nela; inclui todos os envolvidos no processo de desenvolvimento da instituição. O objetivo aqui é que a psicologia escolar amplie o seu foco de atuação para além dos muros da escola e da prática desenvolvida em torno da dificuldade de aprendizagem, afinal a reflexão que se traz é que processos podem ser tomados com o intuito preventivo para se evitar que essa problemática venha a ocorrer (OLIVEIRA; ARAUJO, 2009).

A psicologia escolar, segundo Martinez (2010), carrega um amplo leque de possibilidades de atuação, as necessidades e o contexto social que vivenciamos hoje demandam, cada vez mais, um trabalho interdisciplinar com a educação. A realidade da educação de hoje é um ensino defasado, com escolas desestruturadas, sujeitos em sofrimento psíquico e com uma instituição que não consegue atender suas próprias demandas. A psicologia escolar pode contribuir como uma rede de apoio e ações direcionadas.

O saber/fazer do psicólogo na instituição de ensino se concentra em duas dimensões da escola: a psicoeducativa e a psicossocial. A primeira está relacionada a “história relativamente consolidada, a função do psicólogo que foi determinada desde o princípio”, enquanto que a segunda apresenta configuração relativamente recente, ambas formas de atuação coexistem e guardam entre si inter-relações e interdependências diversas (MARTINEZ, 2010, p.43).

A atuação psicossocial intervém na instituição enquanto sistema cultural, entende que a escola é um espaço social *sui generis*. Neste modelo, o psicólogo escolar pode participar na construção da proposta pedagógica da escola, no processo de seleção de profissionais para a equipe gestora, na coesão da equipe gestora, oficinas direcionadas, caracterização da população estudantil, entre outros (MARTINEZ, 2010). Neste caso, é preciso entender os papéis que o psicólogo escolar desempenha, procurando um método interdisciplinar, objetivando o envolvimento e a conexão com a equipe gestora, priorizando o “somar”.

Já a dimensão psicoeducativa se concentra nos processos de ensino-aprendizagem e desenvolvimento, configuram-se, neste modelo, intervenções orientativas a pais, alunos e professores relacionadas a dificuldades de aprendizagem e o desenvolvimento integral do aluno; orientação sexual; avaliação, diagnóstico e encaminhamento de alunos com dificuldades de aprendizagem; orientação profissional, entre outras (MARTINEZ, 2010). No próximo tópico, daremos visibilidade maior a orientação profissional como modelo de intervenção preventivo e relacional do psicólogo na escola.

3. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E PSICOLOGIA

A Orientação Profissional teve seu processo de construção durante as evoluções históricas da sociedade de acordo com as necessidades e demandas que o contexto político e econômico de uma dada sociedade ia exigindo do sujeito. De acordo com Pimenta (1981):

Em 1908, Frank Parsons criou o serviço de Orientação Profissional na Associação Cristã de Moços, em Boston, onde formulou o seu modelo de orientação profissional, que assim se traduz: [...] “a adaptação ao mundo do trabalho depende da harmonia entre as aptidões e características do indivíduo, por um lado, e as exigências da ocupação, por outro” (p. 21-22).

Pimenta (1981) ainda afirma que Parsons antecede a necessidade da época, marcado pela revolução industrial no qual ocorreram significativas mudanças sociais, havendo uma real demanda de mão de obra por parte do crescimento econômico, contudo surge a necessidade de orientação para jovens que desejam se enquadrar nesse mercado de trabalho e nas novas exigências e mudanças que essa industrialização apresentava neste período.

Segundo Bock (2006), desde o início da civilização a escolha de uma profissão não era uma prioridade para o indivíduo, mas a necessidade de “sobreviver” e “o que fazer” para se adaptar às novas mudanças que aconteciam. No início, a vida tribal se resumia a uma hierarquia de lideranças, onde a prioridade era a alimentação, já que cada indivíduo desempenhava uma função. Ao longo da história, a questão da escolha profissional foi ganhando novas interpretações a partir das mudanças que iam acontecendo na sociedade dependendo da estrutura e a forma como ela se organiza.

Na Grécia antiga “o trabalho era a atividade dos homens não livres que tinham a função de produzir a existência material” (BOCK 2006, p. 20). Na idade média, no período do feudalismo, a interpretação da escolha profissional ainda continua por ter o mesmo significado do período da Grécia antiga, segundo Bock (2006, p. 21), “a sociedade se estratifica em camadas sociais-nobres, clérigos, senhores e vassallos, e uns devem obrigações para o outro. Os primeiros têm compromisso de proteção e segurança; os outros a provisão de sustento material”. Neste sentido, “a escolha profissional só assume relativa importância quando de forma definitiva, instala-se o modo de produção capitalista”.

Entretanto, é na revolução industrial, que tinha como principal foco a técnica de trabalho, da qual a pessoa só escolhia determinada profissão de acordo com sua realidade social e objetivo, que o mundo do trabalho passa a ser focalizado, assim sendo o sujeito colocava à venda sua força, seu trabalho para adquirir algo que ele

mesmo desejava, influenciado pelas demandas econômicas que a sociedade oferecia (PIMENTA, 1981; BOCK, 2006).

É nesse contexto de interesse da sociedade capitalista e do sujeito quanto ao mercado de trabalho, que a psicologia passa a observar como um meio de análise a orientação profissional. (PIMENTA, 1981).

Nessa mesma direção, Bock (2006) argumenta que, a orientação profissional ganha uma relativa importância quando a produção capitalista se institui como principal meio de produção, esse período é marcado por uma revolução econômica, deste modo, a ressignificação do sujeito como parte desse processo se torna inevitável. Nesse tocante: “Foi a partir de Frank Parsons que os esforços dos psicólogos de todos os países se voltaram para essa dupla tarefa: conhecer o indivíduo e conhecer o que as profissões exigiam deles” (PIMENTA, 1981, p. 21).

É nesse contexto político e econômico que, segundo Noronha e Ambiel (2006) a psicologia ofereceu seus instrumentos com ênfase nos testes a fim de “auxiliar” o sujeito na tomada de decisão quanto a sua futura ocupação profissional, por meio da análise psicológica de suas aptidões cognitivas, físicas, emocionais e psíquicas. A orientação profissional, partindo do princípio da colaboração com a orientação educacional, objetivava propor a valorização do indivíduo na compreensão de si mesmo, criando a possibilidade de ele decidir sobre sua ocupação, o melhor cargo que poderia desempenhar na sociedade (PIMENTEL, 2009).

Entretanto, os instrumentos de avaliação psicológica embora constituam parte importante desse processo, não devem ser tomados como um fim ou determinante do processo de escolha profissional (NORONHA; AMBIEL, 2006). De acordo com Antunes (2008), a psicologia, por meio da orientação profissional e outras modalidades interventivas que privilegiavam os testes psicológicos, tornou-se alvo de internas críticas, a partir da década de 1990 no Brasil, pela interpretação discriminada e aligeiradas de técnicas psicológicas, sem entender os determinantes de natureza social do sujeito, levando esse aluno a estigmas e preconceito. Logo, se via que a psicologia escolar estava baseada no modelo médico, distanciando da compreensão e do contexto em que esse aluno está inserido, individualizando o processo educacional e de inserção no mercado de trabalho.

Essas críticas apontam, por um lado, uma ineficácia dos métodos utilizados que se embasavam apenas nos fatores psicológicos, sem uma análise crítica dos

determinantes sociais, culturais, econômicos e políticos. Por outro, considerava apenas o momento de escolha profissional a partir do ideário da “vocação”, como se o sujeito estivesse predestinado a esta profissão ou área de atuação. Em termos de sociedade, as necessidades desse período foram sendo modificadas por fatores socioeconômicos e político.

Nesse sentido, entende-se a necessidade do desenvolvimento de um trabalho orientativo que promova saúde e possibilite ao sujeito uma escolha profissional ética e ancorada não apenas em suas habilidades e aptidões, mas também em seus desejos e consciente dentro do contexto social e político do mercado de trabalho. É nesse contexto que, a

Tradicional orientação profissional – baseada na utilização de testes para caracterizar habilidades e interesses dos alunos e, em função dos resultados, analisar quais as melhores opções de cursos ou atividades -, vem se tornando, cada vez mais, um espaço promotor de autoconhecimento, reflexão e elaboração de planos e projetos profissionais (MARTINEZ, 2010, p. 45).

As modificações que foram também acontecendo na educação possibilitaram um caminho do qual o psicólogo atua de forma interdisciplinar para a promoção de saúde mental, de acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2013, p.41):

O psicólogo (a) quer trabalhar a favor da saúde mental, da formação e da melhoria de condições de trabalho, isso diz respeito ao acolhimento das imprevisibilidades, às tentativas de colocar em análise coletiva o que é produzido no cotidiano da sala de aula, da escola, favorecendo a experimentação de outro tempo menos acelerado, mas talvez mais inventivo, para dar conta do que não conhecemos, do que suscita problemas porque foge às expectativas e à ordem vigente.

Nessa concepção mais ampla de atuação do psicólogo na escola, a orientação profissional deixa de ser uma técnica interventiva que se reduz ao momento de escolha profissional, para se constituir e “um processo anterior e posterior a esse momento, direcionado para o desenvolvimento de recursos psicológicos importantes tanto para a escolha do percurso profissional a ser seguido quanto para a inserção no mundo do trabalho” (MARTINEZ, 2010, p. 45). Para isso, torna-se importante que o psicológico utilize diversas técnicas interventivas e espaços que estimulem a criatividade e reflexão própria dos sujeitos envolvidos.

Assim, a orientação profissional, sendo um instrumento da psicologia, teve a o longo da história mudanças significativas, inicialmente ela assumiu um caráter parcialmente individualizado, ocupando lugar nos momentos críticos do sujeito.

Contemporaneamente, desenvolve-se uma orientação que visa contribuir para decisão e crescimento profissional dentro da proposta do ensino em escolas, como espaços não apenas de ensino-aprendizagem e desenvolvimento do sujeito, mas um lugar também social e promotor de saúde e saúde mental.

4. RELATO DE EXPERIÊNCIA: PRIVILEGIANDO AS NARRATIVAS

O método de análise do relato de experiência esta pautado na narrativa etnográfica, no qual segundo Galindo, Martins e Rodrigues (2014) que cita Clifford (2011), ela está ligada ao envolvimento do pesquisador e interlocutores, a convivência diária e as trocas que delas acontecem, assim segundo Galindo, Martins e Rodrigues (2014) que cita cordeiro (2004), a escrita etnográfica possibilita a partir das ocasiões observar e posteriormente elaborar uma escrita de acordo com um processo, no qual ela denominou de conversas, cochichos e perguntidades, que podem ser coletadas em diferentes lugares que a pesquisa estiver envolvida, logo podemos pensar que nem todas as narrativas etnográficas precisam estar lá, algumas conversas podem estar na pesquisa ou não, sendo trazidas apenas como comentários ou descrições, é uma escrita que requer urgência do registro para não se perder informações importantes.

Desta forma, iremos utilizar da narrativa etnográfica que se fundamenta da observação e do registro, podendo compreender o relato de experiência no estágio de orientação profissional, levando ao entendimento de todo o processo do desenvolvimento do projeto, utilizando a minha experiência e visão enquanto professora, e todas as possibilidades de reflexão que o estágio me proporcionou enquanto estudante de psicologia, portanto descreveremos o envolvimento e como o projeto de orientação profissional vem contribuir com todas as reflexões quem vem sendo trazidas ao longo do texto.

Em meio a algumas observações enquanto professora pude perceber quantos temas foram e vem surgindo relacionados a Orientação Profissional, as contribuições bibliográficas são numerosas, assim todas essas reflexões me levaram a questionar como toda essa teoria tem contribuído com a prática, todas essas pesquisas tem favorecido de forma concreta para as escolhas profissionais desses sujeitos, todos os

dias vivenciamos enquanto professor a falta de perspectivas desses jovens em continuar a estudar após a conclusão do ensino fundamental.

O que se observa é uma desistência de adolescentes que abandonam ou não continuam com a graduação e nem com os cursos técnicos, é como se sua realidade e o contexto em que está inserido não lhe permitisse sonhar com uma realidade diferente da que esse sujeito já vivência, podemos pensar que os resultados que esperamos desenvolvendo a teoria não tem dado tanto resultado na prática como se espera.

Enquanto professora da rede pública, pude observar que os sujeitos que estão em busca de um ideal que consequentemente é imposto pela a sociedade do que devemos ser para se tornar. Por outro lado, percebi que estes adolescentes estão em um contexto ao qual não tem a possibilidade de se obter esse ideal por sua situação socioeconômica. Neste sentido, todos esses malefícios vão contribuir para a dificuldade desse sujeito entrar na faculdade, pela desigualdade em todos os sentidos, econômicos, intelectuais, entre outros. Podemos aqui trazer o exemplo do aluno que estudou a sua vida toda em uma escola pública, não se alimentou como deveria, teve que trabalhar e estudar para ajudar a família, não fez cursinho preparatório ou teve tempo para se dedicar e se preparar, entramos aqui nas observações trazidas no parágrafo anterior, a teoria está dando resultado como se espera?

É nessa perspectiva que argumentamos que há um desencontro entre teoria e prática. As políticas afirmativas se tornam, então, resultados do qual muitas vezes não bate nessa conta, ao invés de serem compatíveis com a necessidade das minorias acabam por se tornarem mais distantes, a diminuição das mesmas, e a possibilidade delas cada vez mais atenderem aos que menos precisam é uma desigualdade assustadora. A exemplo, das cotas que deveriam ser para quem? Pensando, assim, essa teoria nunca irá de encontro a prática, a verdade é que a desigualdade tem cada dia mais aumentado ao invés de diminuir.

Neste contexto, vemos nos dias de hoje um grande desafio que tem sido enfrentado pelos educadores e pela gestão da escola, visto que há uma gama de ideias, confusões, desejos, que os estudantes passam neste período da adolescência, de acordo com Papalia, Feldman (2013) citando Erikson (1968) a teoria do *self* em que o adolescente traz consigo essa confusão de identidade, que possivelmente acontece quando o mesmo busca um papel que é valorizado pela sociedade. Logo,

vemos que esses valores se constituem de crenças e metas, as quais já estão enraizadas em suas convicções, e é a partir desse viés que o jovem não se permitisse sonhar, sua realidade está ligada a cultura que vem sendo desenvolvida pela sua família, amigos e grupos sociais, o papel do jovem acaba sendo o de reproduzir essa realidade, mas podemos entender as questões socioeconômicas e psicossociais que também tem uma parcela grande de interferência nessas escolhas.

Segundo Bastos (2005), vivenciamos como espectadores diariamente no quanto essas necessidades econômicas e sociais interferem nas escolhas profissionais desses sujeitos, a partir de entrevistas com alunos do ensino público, levou o autor a concluir através de uma investigação, fatores que poderiam interferir nas suas escolhas profissionais, logo que concluíssem o ensino médio, o resultado das pesquisas levou ao estudo dos principais determinantes que foram definidos como as questões socioeconômica e psicossociais.

Este relato de experiência é baseado no estágio de Orientação Profissional desenvolvido em uma escola estadual de Cuiabá-MT, com turmas de terceiro ano, todo o estágio foi fundamentado a partir da teoria de Bock (2006) que traz uma abordagem sócio histórica, que teve origem em uma visão estreita e mecanicista, modelo esse tradicional que a partir das contribuições de Bohoslavskay se vê uma superação nesse modelo, assim passa se a compreender o indivíduo em sua relação com a sociedade de forma dinâmica e dialética, levando o sujeito a um entendimento em sua relação com a sociedade, transpondo visões que o colocam como reflexo da sociedade ou autônomo diante dela. É levar esse sujeito a se questionar e refletir diante da sua própria cultura, pelo fato de ela ser um processo histórico da sua própria história, conduzindo o sujeito a ir além daquilo que lhe está sendo proposto, é desta forma que o indivíduo não se anula enquanto um ser singular, e modifica a sua própria história.

O estágio teve como objetivo estimular o autoconhecimento dos alunos proporcionando uma reflexão a partir da orientação profissional, promovendo questionamentos e levando conhecimento sobre gênero na escolha profissional, também se houve discussões sobre os cursos de graduação superior e técnicos, bem como os diferentes campos de atuação profissional, tendo como propósito estimular o autoconhecimento para escolhas mais conscientes.

A metodologia do estágio foi baseada na observação participante que segundo Minayo (2010), a filosofia que fundamenta a observação participante é a necessidade que todo pesquisador social tem de relativizar o espaço social de onde provém, aprendendo a se colocar no lugar do outro.

A importância de se definir a metodologia a ser trabalhada nesse processo foi essencial para se obter êxito, planejar as sessões a partir da observação dos alunos em seu cenário cultural, podemos assim trazer a importância da dimensão psicossocial dentro da escola, Martinez (2010), coloca-se a necessidade de se analisar os contextos e as subjetividades sociais que rodeiam esse aluno e a escola, porque é a partir desse processo que os indivíduos se constituem e são constituidores dos espaços sociais aos quais estão inseridos.

Se faz necessário observar que o estágio vem dar um olhar para as questões sociais que esses jovens enfrentam quando buscam fazer o ensino superior ou na maioria das vezes nem tem essa perspectiva pelo fato de sua realidade e o contexto que está inserido não lhe permitir pensar além, geralmente o objetivo de vida desses jovens estão pautados em se contribuir para os custos econômicos da família.

O estágio atendeu as salas do 2ªA, 2ªB e 3ª ano que tinham 30 alunos por turma, dando um total de 90 alunos, o projeto foi dividido em um período de observação e logo que se verificou uma demanda foram determinados 5 encontros para o desenvolvimento do projeto, nas quartas e sextas que tinha a duração de uma hora e cinquenta minutos, sendo elaborado como um só, mas desenvolvido pelos três grupos de estagiários. A participação foi de mais de 60 por cento dos alunos, a escola era de ensino integral, sendo que o projeto foi elaborado nas aulas de projeto de vida, que era dado como uma matéria da própria instituição, e foi nesse espaço que nos foi permitido falar sobre a Orientação Profissional.

No primeiro encontro nos apresentamos, falando um pouco sobre cada um e sobre os motivos por ter escolhido o curso de psicologia. Explicamos sobre o projeto e os questionamos o que eles achavam e entendiam por orientação profissional.

Em seguida, realizamos a “dinâmica da bolinha (ping Pong)”, uma forma de quebra gelo. Nesta dinâmica, o facilitador se pediu para que cada um jogasse a bolinha para uma pessoa aleatoriamente e ela se apresentou em até 1 minuto dizendo nome, uma qualidade e o que gosta de fazer. A pessoa que acabou de se apresentar joga a bolinha para outra pessoa e assim por diante. Quando a última pessoa se

apresentar, a mesma deve devolver a bolinha para a pessoa que jogou para ela repetindo as mesmas perguntas.

O objetivo desta dinâmica foi contribuir para a memória dos participantes e os fazer lembrar o quanto é importante prestar atenção nas pessoas a sua volta, causando também um quebra gelo entre o observador e os participantes.

Nesta dinâmica, muitos trouxeram seu ponto de vista para a situação e até abriram questionamentos sobre o curso que desejariam atuar, como medicina, jornalismo, programador de computador, entre outros. Neste momento, foi se falando também de possíveis ideias que os país tem em relação a escolha profissional voltada para eles, apesar de a dinâmica ser apenas para conhecê-los melhor e nos apresentar, acabou trazendo mais informações em relação a suas próprias convivências tanto sociais quanto familiar, foi nessas discussões que uma aluna disse que seus pais não havia terminado o ensino médio, mas que para ela ele queria uma realidade diferente, no qual ela pudesse estudar, se formar e arrumar um bom emprego.

Em outro caso o aluno colocou que ele tinha que terminar o ensino fundamental logo para conseguir um trabalho para ajudar nas despesas da sua casa, pelo fato da mãe ser sozinha, e seu pai os ter abandonado quando ainda eram crianças, e ainda deixa claro que não vai ter condições de estudar em uma faculdade particular ou tempo para estudar para conseguir uma bolsa. A necessidade desse aluno está simplesmente ligada à sua sobrevivência, ajudar a família a se manter no dia a dia, o seu futuro para ele não existe perspectivas de ensino superior, são situações completamente fora da sua realidade.

Assim podemos entender a questão do multideterminado que Bock (2006) coloca como nossas particularidades que vem a ser as nossas definições como humanos, esses elementos como o trabalho, os instrumentos, a linguagem as relações sociais, sentimentos e emoções, são singularidades que nos definem, e é a partir desta análise que o sujeito é e não é um reflexo da sociedade, um exemplo que podemos trazer é a questão da escolha, o sujeito escolhe e não escolhe sua profissão, isso vai ser determinado pela sua classe social, mais ou menos, ele terá liberdade para decidir, mas sempre será multideterminada, mas isso não quer dizer que na classe subalterna isso também não vá acontecer, então o objetivo da sócio histórica

vem justamente trabalhar na superação da visão que coloca esse sujeito como mero reflexo da sociedade.

No segundo momento, foi colocado a música “Fábrica” de Renato Russo, onde expressa o sentimento de uma pessoa que prefere viver em um manicômio, para fugir das pressões que a sociedade e família impõe, e o ambiente familiar deposita sobre ele para a sua escolha profissional deixando de respeitar a vontade do personagem. A partir desta dinâmica realizamos perguntas a respeito do tema, de como os pais se comportam diante da escolha profissional de cada um deles, abrindo assim um debate. A participação da maioria ainda foi bastante tímida, levando apenas alguns alunos a expressarem a sua opinião, mas diante do debate pude perceber a diferença nas opiniões que eram trazidas, enquanto alguns alunos já definiram seu futuro em relação a sua profissão, outros ainda nem se decidiram ou muito menos pensam nessa possibilidade. Podemos a partir deste contexto vir a refletir de como as influências que segundo Bock (2006) traz pode acabar levando este sujeito a ter uma dificuldade na escolha tanto para suprir uma vontade dos pais, do contexto em que o mesmo está inserido ou uma necessidade que a sociedade os impõe.

No terceiro momento foi passado o vídeo, “dúvidas na escolha profissional” que trata das questões relacionadas a momentos que nos retratam as incertezas na escolha profissional, nessa atividade colocamos questionamentos como, “Quem tem dúvidas em relação a que curso fazer”, “quais ideias você tem em relação a orientação profissional”, logo dúvidas e reflexões surgiram, e se foi possível tirar essas dúvidas embasadas nas teorias de Bock e na sua visão Sócio Histórica que tem em relação ao sujeito, pensando nos mesmos a partir de suas singularidades.

Para finalizar, realizamos a dinâmica “do pirulito” que teve o objetivo de Desenvolver o espírito de equipe, mostrar a importância de um ajudar o outro seja no ambiente de trabalho ou no dia a dia e como utilizar a criatividade para resolver problemas que envolvam o trabalho em grupo.

Na dinâmica, os participantes seguraram o pirulito com a mão direita. A mão esquerda foi colocada para trás e não pode ser utilizada em nenhum momento, esticando o braço direito para frente, a partir desse momento ninguém pode dobrar o braço, o único movimento que poderiam fazer é para a direita ou para a esquerda, quem dobrasse o braço seria retirado da brincadeira”, logo todos desembrulharam o pirulito que estava segurando na mão direita e começaram a chupar.

A partir da observação, percebe-se que a participação dos alunos foi visível nas dinâmicas de quebra de gelo, como a de “ping pong”, “dinâmica musical” e a dinâmica do pirulito”, apesar da resistência de alguns do grupo, no caso outros dormiram no momento da aplicação de algumas dinâmicas, mas é importante ressaltar que esse comportamento pode ter sido influenciado pelo horário que a aula se inicia, por ser uma escola integral, este é o momento que estão voltando do horário de almoço, causando assim um período de sonolência em uma parte dos alunos.

Na apresentação do projeto fomos colocando os pontos em que estaríamos trazendo conforme os encontros fossem acontecendo, sempre na busca de criar um vínculo através dessa troca de informação, para Bock (2006) esta primeira sessão é destinada apenas a apresentação do grupo, e ao desenvolvimento do projeto e a uma pré ideia do pré-conhecimento que esse grupo de alunos tem em relação a Orientação Profissional.

No segundo encontro desenvolvemos a dinâmica “Integração - Quem eu admiro”, que tinha como principal objetivo a integração do grupo através de um ponto de vista muito particular sobre uma personagem que é admirada pelo participante e o motivo que desperta essa admiração. Logo que terminarmos as colocações pedimos para cada um falar sobre a pessoa escolhida, os motivos dessa admiração, fazendo perguntas para entendermos melhor o motivo da admiração.

Todos nós aprendemos a admirar pessoas, seja pelo trabalho realizado, em prol da sociedade ou por um exemplo de vida o qual acreditamos que vale a pena ser seguido, essa pessoa pode ser um herói, um astro pop, um cientista, um líder religioso, o pai, a mãe, um parente, enfim, pessoas que nos inspiram. Assim, pediu-se que cada um escrevesse na folha o nome de uma pessoa que admira, não importa quem seja, se está viva ou morta, sua nacionalidade nem se é importante ou não, logo em seguida escreviam as razões pelas quais essa pessoa é admirada, por que você vê nela um exemplo a ser seguido.

Nesta dinâmica, os alunos nos receberam com muitas expectativas, e no intuito de atendê-las, procuramos trabalhar a questão das influências das pessoas que admiravam, “quem eu admiro”, no qual os levamos a questionar e refletir quem era essa pessoa que lhe causava tanta admiração. A grande maioria respondeu que era a mãe, utilizando da justificativa em relação a luta na sua criação, houve um aluno no qual relata que a sua admiração foi em relação à avó, pelo simples fato de toda vez

que ele sai de casa ela o abençoar, outro fator que nos chamou muita atenção foi em relação a outro aluno que admira a si mesmo, sua admiração em relação a sua pessoa é posta como um motivo relevante para se auto admirar, afirmando que ele só consegue atingir seus objetivos por esforço próprio, e que este fato o leva a pensar na admiração por si mesmo. Outro exemplo a ser ressaltado é do menino que tem como admirador D. Pedro II, colocando como justificativa a honestidade que o mesmo tinha para se governar o país.

No segundo momento, discutimos sobre as influências familiares e da mídia na escolha profissional do estudante, para isso foi utilizado a dinâmica “INFLUÊNCIA”. Foram colocados objetos referentes à mídia como: telefone celular, CDs, controle remoto, *pen drive*, teclado de computador, DVDs etc. Cada participante teve que escolher um objeto que mais se identificou e dizer qual relação o objeto tem com ele.

Nesta dinâmica eles participaram vindo um por vez na frente escolher o objeto que mais influenciava na sua escolha profissional, neste momento percebemos o quão criativos e cheio de sonhos eles são, seus relatos foram expressivos. Houve um aluno que perguntou se podia escolher mais de um objeto, dissemos a ele que sim, e assim o fez, em sua justificativa ele disse: “*escolho o livro porque quero ser poeta, o CD porque quero ser DJ, e escolho o capacete porque quero ser policial*”. Em outro momento, outro aluno veio e antes de se chegar na mesa que estava os objetos para escolher disse “*está faltando uma arma, porque eu quero ser bandido*”.

Neste âmbito o que se nota são as diferenças de escolha de cada aluno, e o quão importante e significativo é gostar da profissão escolhida, de acordo com Bock (2006, p. 85), “a realização pessoal, isto é o gosto pela atividade, leva a um maior empenho em sua profissão. [...] Portanto a competência nem sempre é a saída para todos os obstáculos”.

De acordo com Bock (2006), a influência por meio da comunicação tem como objetivo evidenciar os valores “sociais dominantes em nossa sociedade” (p. 85), o autor ainda afirma que a mesma utiliza de informações, como filmes, jornais eletrônicos, entre outros, para influenciar as nossas escolhas, é nesses meios de comunicação que se vê um auto nível de valorização do status, de se ter uma profissão que lhe traga muito dinheiro e poder, delineando, assim, a escolha profissional. Por isso entendemos a necessidade da Orientação Profissional levar informação para esses alunos possibilitando um pensamento mais crítico e reflexivo

diante do meio que os cercam, abrindo um horizonte de possibilidades além do que estão acostumados a ver.

Em um terceiro momento foi exibido o vídeo “vestibular - desconfiados”, que trata das influências familiares dos alunos, isso foi realizado para que ocorra uma reflexão sobre o motivo, as discussões que os pais tiveram em relação as escolhas dos filhos. No fim do filme surgiram os questionamentos de uma aluna citando-a como exemplo e trazendo pontos e situações que ocorrem em sua família na questão da sua escolha profissional: *“os pais dizem que somos livres para escolher mas cada curso que a gente decide fazer eles interferem com opiniões e justificativas baseadas na realidade deles, não entendem que comigo pode ser diferente”*. A outra parte dos alunos o relato era que o pai não influenciava na escolha e os deixavam até livres para decidir.

Já no quarto momento, foram colocados à disposição materiais para a produção artística, como por exemplo: papel, pincéis, tesoura, lápis para colorir, giz de cera, revistas, tintas, entre outros, para que os estudantes pudessem expressar, por meio da arte, o que pensam sobre a mídia e família e qual a influência da mesma tem sobre eles. Ao término da produção, cada aluno foi falar sobre o que fez e seu significado.

No final da atividade foi visível a colocação do ponto de vista e a expressão de como se sentiam através da arte, foi possível notar a compreensão e o impacto que essas influências tem em suas vidas. Entre os desenhos vários nos chamou a atenção e nos fizeram questionar cada aluno trazendo o porquê daquela escolha e o que significava, um aluno respondeu *“o meu desenho tem um coração e uma cruz, porque a minha família não me influencia, do outro lado o desenho é um computador é o que me estimula, a tecnologia”*. Por fim, foi montado um painel com as atividades desenvolvidas por todos, que foram penduradas na parede utilizando barbantes, amarrando um desenho no outro. Todos os alunos ajudaram neste processo, muitos deram ideias de como seria melhor pendurar para que um sonho ficasse ligado ao outro.

No quinto momento desenvolvemos a dinâmica “Fortalecer a amizade - Troca de um segredo”, que teve o objetivo de trocar informações sobre problemas comuns enfrentados pelos jovens, fortalecer a amizade e a união do grupo, encontrar soluções

para problemas, dar a oportunidade para que os participantes exponham um problema sem se identificar.

Na dinâmica cada um escreveu na folha um problema pessoal, um dilema, dificuldade ou angústia pela qual passou e que ainda não encontrou uma solução ou não conseguiu expressar-se verbalmente com as pessoas envolvidas. Pedimos que fossem sinceros e não precisem se identificar, após escreverem o problema pedimos que dobrassem a folha da maneira que ficassem todas iguais, logo colocaram em um recipiente que estava no meio da sala, misturando os papéis e distribuímos um para cada participante.

Os orientadores pediram que todos abrissem a folha que receberam e lessem atentamente o problema ali descrito como se fosse seu, fazendo uma reflexão sobre o assunto e procurando uma solução para o problema relatado. Logo, pedimos um a um que falasse o problema que recebeu e apresentasse uma solução a partir de seu ponto de vista, deve haver sinceridade, é como se o problema fosse da pessoa e ela precisasse tomar uma decisão.

Como bem trago ao longo texto, podemos aqui através deste exemplo refletir as diferenças sociais, entre um aluno que pensa e sonha em possibilidades para a sua futura formação, e o aluno que traz uma visão totalmente oposta da sua visão de futuro enquanto profissional. Entender o contexto em que cada um está inserido é de extrema importância, porque é isso que vai definir suas escolhas e perspectivas em relação a sua profissão. Segundo Bock (2006), a escolha da profissão não acontece de forma despersonalizada, ela está relacionada a toda uma trajetória que adquiriu ao longo de uma vida, o que devemos propor e se trabalhar em cima do ideal que esse sujeito tem em relação a profissão, muitas vezes o que ele entende dessa profissão pode não ser algo produtivo para ele mesmo, podendo estar ligada a valores sociais ou pode ser uma imagem ilusória, fantasiosa ou distorcida. Devemos pensar em como a imagem da profissão é construída para esse sujeito, como o autor bem traz as pessoas constroem e lidam com a “cara” da profissão, buscar alternativas para haver uma valorização no pensar dessas “caras”, sem deixar de lado a singularidade de cada sujeito.

No terceiro encontro trouxemos para a discussão as questões de gênero na profissão, Programas educacionais e mercado de trabalho. No primeiro momento, fizemos a dinâmica de gêneros, no qual houve a divisão do quadro trazendo a

pergunta do porquê algumas profissões são para homens e outras para mulheres, assim fomos questionando os alunos “porque dada profissão é mais escolhida por homens do que por mulheres, ou é mais escolhida por mulheres do que por homens”. Foi a partir dessa análise que propomos em sala o exemplo trazido pela teoria de Bock (2006), onde a partir de uma pesquisa de desempenho escolar com a escolha profissional é possível que os homens escolham áreas em exatas e as mulheres em áreas biológicas e humanas, assim observamos que os interesses e a personalidade estão ligados a essas escolhas, logo se nota que é uma questão cultural, aprendemos a ver as nossas possibilidades de escolha através de uma visão padrão que já estava decidida e só nos foi passado. Faz-se necessária essa reflexão a partir da dinâmica de gênero, para fazê-los questionar que a escolha não pode ser determinada só pelos dados que adquirimos no transcorrer da nossa vida, é importante entendermos e participarmos de alguma forma da profissão que desejamos escolher.

As alunas iniciaram falando das profissões que só mulheres que faziam, trazendo exemplos como doméstica, cabelereira, entre outros. Em dado momento, os questionamos da profissão de pedreira, muitos não concordaram que mulheres trabalham com essa profissão, a partir deste contexto falaram do curso técnico para homens e mulheres para colocar pisos, todos ficaram surpresos porque não tinham consciência do fato. Os meninos também trouxeram vários exemplos, como engenheiro, mecânico, motorista, assim outras discussões foram surgindo, houve uma aluna que disse “*que podemos escolher a profissão que quisermos basta querer*”.

Logo em seguida, explicamos os principais meios de se ingressar na faculdade e em cursos técnicos disponibilizados pelo MEC, no qual foram incluídos o ENEM, FIES, SISU, SISUTEC, EDUCA MAIS, PROUNI, Serviço Militar, mas também trouxemos aos alunos as diferenças nos cursos de graduação, bacharel, licenciatura, cursos técnicos e tecnólogo.

Este assunto gerou muitas perguntas e discussões quando fomos falar das cotas, uma aluna salientou que a lei de cota não é justa, dizendo “*o porquê de negros e indígenas terem esses privilégios se somos todos iguais, para que a cotas!*”, logo explicamos para ela a necessidade da cota, mas não houve entendimento pelo fato de a aluna não ceder na sua visão de pensar. Outro aluno também colocou em suas observações que “*o certo é medir a inteligência e não colocar distinção de raça ou etnia*”.

Desde seu desenvolvimento as cotas que em outros países eram chamados por políticas de ação afirmativa, tinha objetivo de oferecer um tratamento diferenciado para grupos que eram vítimas de racismo ou discriminação, como exemplo podemos trazer os Estados Unidos que ofereceram a chance a os afro-americanos de participar da dinâmica da modalidade social, e como se lhes fosse permitido fazer parte da sociedade e ter direitos parecidos com dos americanos branco, com isso as empresas, escolas, faculdades, foram obrigadas a incluírem os afro-Americano nos espaços e lugares do qual poderiam participar da economia e mudar sua realidade econômica (MUNANGA, 2001).

De acordo com Munanga (2001), a partir destas vivências a fora que o Brasil passa a pensar na possibilidade de se criar soluções de inclusão para as desigualdades raciais das quais o país enfrenta. Mostra, ainda, que pesquisas qualitativas e quantitativas foram feitas por instituições de pesquisa demonstrando a exclusão do negro e a realidade visível da desigualdade social, e que essa realidade não traz mudanças significativas quando se vê com os resultados das pesquisas que de 97% que fazem ensino superior só 2% são negros. É a partir deste contexto que surge as cotas como uma possibilidade de inclusão e oportunidades para os negros, e neste sentido que se vê a necessidade de políticas de ação afirmativas como a das cotas.

No terceiro momento elaboramos a dinâmica do barbante, onde usamos os alunos como exemplos, no qual cada um representou um programa educacional e assim explicamos os passos que são seguidos para conseguir a vaga em uma universidade. Neste momento, todos os alunos se colocaram querendo participar, com isso foi montado o caminho que se faz para conseguir uma bolsa estudantil, os passos necessários desde a inscrição até a verificação das notas para ingressar no SISU ou ENEM, toda a montagem da dinâmica foi elaborada pelos alunos mesmo, um ajudando o outro.

Aqui nos vemos diante da questão da escolha no qual Bock (2006), salienta que para se fazer uma escolha há o risco das variáveis, quando escolhemos nos posicionamos, a nossa escolha vai implicar em conflito, temos de estar ciente que qualquer escolha implica em perda, não tem como escolhemos todas as profissões, escolher uma profissão implica na perda das outras. Assim como, Papalia (2013) afirma que os jovens neste momento estão passando por um período de transição e

estão em conflito consigo mesmos, é um período em que se dá início a vida adulta, mas que ainda não se firmaram seus papéis enquanto adultos, este momento é muito esperado pelo jovem, imaginamos o quanto esse processo se torna angustiante, é um momento de incertezas e dúvidas, que devem ser respaldados buscando dar apoio a esse jovem em suas escolhas.

No quarto momento, realizamos o jogo Quiz que teve o objetivo de fazer uma avaliação do conhecimento sobre os conteúdos utilizados nas explicações, como uma compreensão de uma forma geral sobre as profissões e sobre as políticas educacionais de inclusão, o jogo foi criado em material kraft em um tamanho grande onde os alunos pudessem ser o tabuleiro. A turma foi dividida em 5 grupos que escolheram um representante para poder jogar o dado e andar no tabuleiro, conforme a resposta correta dada pelo grupo, o representante foi avançando as casas até chegar ao final do jogo.

A participação foi coletiva e a questão da competição entre eles era muito visível, alguns alunos manifestaram suas opiniões dizendo *“o quão interessante foi o jogo, que eles gostaram, e que é diferente de todas as aulas que haviam tido em sala”*. No momento da aplicação do jogo, eles falavam muito em se estabelecer o certo e não roubar durante o jogo, neste processo enquanto iam avançando as casas do jogo eles conversavam entre si havendo momentos de discussões e se avançavam ou não.

No quinto e sexto encontro utilizamos uma maquete demonstrando e orientando 60 (sessenta) profissões e locais de atuação. O objetivo desta apresentação foi orientar levando-os a compreender cada profissão.

Fizemos um sorteio, no qual estavam as 60 (sessenta) profissões, onde cada participante sorteou um papel e falou sobre o seu entendimento e atuação daquela profissão, logo em seguida com o uso da maquete de uma cidade, contendo vários locais de atuação, os alunos foram colocando as plaquinhas onde eles achavam que cada profissão poderia se encaixar, após esse processo os aplicadores foram abordar mais a fundo sobre a profissão sorteada.

Foi feita uma roda de conversa onde abordamos os seguintes temas: Fundo de financiamento estudantil (FIES), Programa universidade para todos (PROUNI), Programa nacional de acesso ao ensino técnico e emprego (PRONATEC), Exame nacional do ensino médio (ENEM), bolsa Brasil, Sistema de seleção unificado (SISU).

De acordo com Gallo (2012), a educação tem uma visão do aprender padronizado que apesar do seu distanciamento do ensino tradicional, ainda assim o que se vê é o ensinar e aprender, diante disso nos vemos em um círculo vicioso, onde não se pode aprender se não houver alguém que ensine, sem dizer no controle que se tem diante da aprendizagem através do ensinar, levando todos a aprender de uma forma padrão as mesmas coisas, devemos aprender a aprender. Entretanto, o que nos é ensinado deve ser questionado e nos levarmos a refletir, o objetivo é “aprender a fazer com o outro, e não fazer como imitar o outro” (GALLO, 2012 p. 5), é como se aprender a andar, alguém vai te ensinar, mas você deve descobrir o seu jeito de andar e não fazer igual, e sim junto a quem te ensinou a andar, contudo devemos após o nosso aprendizado buscar a nossa singularidade.

Neste contexto, a psicologia escolar vem a contribuir com a suas formas de atuação emergentes, dando um olhar para a escola como um todo, em um trabalho interdisciplinar, buscando alternativas de prevenção não só com a escola, mas também com os alunos e as suas subjetividades, a escola deve se conscientizar que seu espaço é um ambiente social, com dimensões psicossociais (MARTINEZ, 2010).

A Orientação Profissional vem contribuir justamente nesse processo, atuando de forma preventiva nas escolhas profissionais desses jovens que estão se preparando para o mercado de trabalho, segundo Martinez (2010), o psicólogo escolar deve buscar novas ideias de Orientação profissional que venham atender a demandas individuais de cada aluno. É nessa direção que este trabalho vem trazer justamente essa perspectiva, de debater propostas e recursos para se pensar na escolha profissional, contribuindo nas dúvidas e estigmas que são trazidos pela própria cultura social.

Por fim, fizemos o *feedback* com os alunos, foi uma devolutiva significativa, disseram que nenhum outro grupo havia falado sobre a Orientação Profissional dessa forma com tantas dinâmicas, maquetes, alguns alunos colocaram que: “*conseguiram muitas informações de assuntos que não tinham conhecimento*”, “*agora que vocês falaram vou pensar na carreira militar*”, “*existe tantos cursos que eu nem fazia ideia*”.

O *feedback* com os professores não foi planejado, mas os mesmos nos trouxeram suas opiniões no final dos nossos encontros, dizendo que estavam surpresos com o que havíamos feitos, a forma como tudo foi conduzido, sem falar na forma dinâmica que incluíram os alunos em um assunto de tanta importância para o

futuro deles. Disseram, ainda, que é difícil fazê-los participar das aulas e que havíamos conseguido que a maioria participasse, a professora ainda coloca: *“que se percebeu o interesse naquilo que estava sendo proposto”*.

Enquanto professora e estagiária de psicologia pude observar justamente esses conflitos em relação a escolha profissional, assim me vi motivada em se discutir a Orientação Profissional dentro da escola, a partir de um olhar para o aluno diante da falta de perspectivas em relação a uma escolha profissional, esses jovens acreditam que estão fadados a reproduzir e seguir o que o seu contexto social oferece, a falta de escolha e a realidade em que vivem, as dificuldades econômicas e sociais contribui com esse pensamento de descredito em si mesmo. O que se vê são jovens que estão tão a sujeitados pela lógica de produção do capitalismo que os mesmos não veem mais sentido no ensino superior, assim estamos diante de um contexto que deve ser mudado, dar a oportunidade do sujeito reescrever a sua própria história, sendo protagonista deste processo.

Para Guzzo (2015) é na escola que se estabelecem a interação dos sujeitos e assim vem se constituir o processo educativo, a autora ainda salienta o quanto os aspectos sociais interferem nessa relação, o quanto o capitalismo tem interferido nas nossas decisões, e acabamos por cometermos injustiças umas com as outras, como bem traz o texto uma contaminação ideológica. É a partir deste processo que vemos a escola e o processo educativo imersos em um capitalismo que mercantilizou a civilização se dando um valor a tudo e a todos, o que a autora propõe é uma educação libertadora e não domesticadora, tendo claro o lugar desse sujeito na sociedade ou de sua transformação enquanto sujeito.

5. CONCLUSÃO

O objetivo deste texto é nos levar a refletir enquanto psicólogo escolar na contribuição com métodos preventivos dentro da instituição de ensino, dar um olhar para a escola e os alunos observando as suas subjetividades e o contexto tanto institucional quanto do sujeito, um meio para esse processo foi trazer a Orientação profissional. Para isso, este relato de experiência foi baseado no desenvolvimento do

estágio básico e supervisionado em uma escola Estadual em Cuiabá-MT, que trata justamente das contribuições que Orientação Profissional junto a psicologia escolar pode trazer dentro da instituição com metodologias diversificadas e dinâmicas.

O percurso metodológico vem justamente dar um olhar para a instituição a partir da observação e da escrita. Utilizamos, ainda, a narrativa etnográfica que permite ao pesquisador/ator atuar participando do ambiente e sendo parte do processo. Ademais, esse trabalho vem se pautar em um viés interdisciplinar que podem ser explorados ao longo do texto. Dessa forma, a união do conhecimento a partir das nossas vivências trocadas na rotina diária vem contribuir na criação de vínculos que se é estabelecida entre o psicólogo e a escola.

Este trabalho me fez questionar e a entender os conflitos que vem acontecendo com os jovens na escolha da profissão ou se de fato essa escolha acontece, vemos que o caminho que pode contribuir no olhar que esse aluno tem em relação a sua perspectiva profissional, ou que muitas vezes não tem, é a proposta da Psicologia Escolar em interface com a Orientação Profissional, elas são um elo para se mudar a visão que os mesmos tem em relação a sua escolha profissional, e em se criar novos pensamentos, com metodologias menos tradicionais e que se venha atender melhor a demanda existente, considerando o contexto em que estão inseridos.

Conclui-se que a partir da observação e elaboração do estágio pudemos entender o quanto se faz necessária trabalhar com a questão preventiva, relacional e interdisciplinar para contribuir com o crescimento do sujeito, esses são uns dos papéis exercidos pela psicologia escolar que busca fazer um trabalho em conjunto com a Educação, possibilitando um sujeito com um novo pensamento diante da sua formação.

Podemos aqui pensar em uma estratégia da qual a psicologia escolar, em conjunto com a escola, pudesse refletir sobre a inclusão da Orientação Profissional como parte dos parâmetros curriculares nacionais (PCNs), tornado a Orientação Profissional uma metodologia de ensino que atendesse da educação infantil, o ensino médio e o ensino fundamental, tornando-se como um projeto de vida para esses jovens dentro da escola, pensar que em cada ciclo do ensino a criança, o adolescente e o jovem estão em uma fase de desenvolvimento e assim poderia se trabalhar com as problemáticas proporcionadas pela Orientação Profissional em cada fase,

desenvolvendo metodologias que viesse atender a demanda de cada ciclo, sempre buscando entender o contexto, a comunidade, o sujeito e a escola.

Enquanto professora da educação infantil, pude observar as expectativas e influências que os pais na maioria das vezes colocam em seus filhos quando iniciam a educação infantil, geralmente esse processo de ensino começa aos 4 anos, que é o período que se inicia a alfabetização no ensino público, os mesmos já tem uma visão de qual profissão seu filho deve seguir, essa visão na maioria das vezes está pautada em “a profissão que vai ter mais rentabilidade financeira, ou a que traz menos estigmas”. Assim, pensar em Orientação Profissional desde a infância que é representado por um período de formação da criança em todos os sentidos, cognitivos, comportamentais, educacionais, sociais, podendo assim pensar em metodologias de forma lúdicas e dinâmicas, onde essa criança seja estimulada a se pensar nas diversas áreas de atuação que possa se ter, trabalhando o significado da escolha desde a infância.

As profissões é algo que já está incluído no ensino educacional dessas crianças, mas não é uma metodologia tão completa quanto a proposta que a Orientação Profissional vem trazendo. O que propomos com a OP é um trabalho que venha possibilitar a diminuição de estigmas que são condicionadas desde a infância em relação as profissões, estabelecer essa construção da Orientação Profissional desde a infância irá contribuir para o crescimento do sujeito, possibilitando que o processo venha a se desenvolver desde a infância, a partir também dos desejos deste em relação a sua vida profissional.

Já no ensino fundamental que é o período em que os jovens estão na formação das suas escolhas e perspectivas profissionais, pensa-se em uma Orientação profissional que vai além do tradicional e que vai de encontro com o contexto social em que esses jovens estão inseridos, os cursos profissionalizantes dentro da escola em horários diferentes dos de aula é apenas o início de uma proposta para um projeto de vida, as oficinas com orientações sobre todos os tipos de formação oferecidas pela rede de assistência estudantil, o trabalho com arte, construção de móveis, entre outras possibilidades. Por fim, contribuir com esse jovem dando suporte para se encontrar a partir da sua escolha um trabalho, que possibilite que o mesmo também continue estudando, o objetivo aqui é se pensar não só em como podemos ajuda-los a pensar no ensino superior, mas também em como ele pode durante esse

processo adquirir experiência e um salário no mercado de trabalho, a final esses jovens tem muitas necessidades e dificuldades que vão além de sua escolha profissional.

A adolescência é um período marcado pela a formação da identidade, estão aprendendo as habilidades que são valorizadas pela sociedade, é aqui que se iniciam as influências das crenças do meio que os rodeiam, é o período que passa a ser construído a cultura pela qual seus pais se baseiam, e é a partir deste viés que adentramos com a Orientação Profissional, pensar na valorização desse adolescente levando-os a refletir além daquilo que lhes foi determinado, em meio a essa construção pensar em estratégias direcionadas para as questões de gênero, família, escolha e informação.

6.REFERÊNCIAS

ANTUNNES M. A. M; **Psicologia Escolar e Educacional: Historias, Compromissos e Perspectivas**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE). Volume 12, n.2, Julho/dezembro de 2002.p.169-475.

ANTUNES, M. A. M. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. Psicologia Escolar e Educacional, v. 12, n. 2, p. 469-475, 2008.

BASTOS C. J; **Efetivação de Escolhas Profissionais de Jovens Oriundos do ensino Público: um Olhar Sobre suas Trajetórias**. Revista brasileira de Orientação Profissional,2005,6 (2), p. 31-46.

BOCK, S. **Orientação Profissional**: A abordagem sócio histórica. 3ª Edição, São Paulo; Cortez, 2006

CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS. (CREPOP) **Referência técnica para atuação do psicólogo na educação básica**. Brasília, CFP 2013 DE OLIVEIRA, C. B. E; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar: cenários atuais. Estudos e pesquisas em psicologia, v. 9, n. 3, p. 648-663, 2009.

DESCONFINADOS. Vestibular. You Tube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S6t2NGx4fDU&list=RDS6t2NGx4fDU&start_radio=1&t=183. Acesso em 04/05/2018.as 18:00.

GALINDO, D.MARTINS, M.RODRIGUES, V.R. Jogos de armar: Narrativas como modo de articulação de múltiplas fontes no cotidiano da pesquisa. In_____ **A produção de informação na pesquisa social: Compartilhando ferramentas**. 1.ed. – Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014, p.296-322.

GALLO, S. As múltiplas dimensões do aprender. In _____ Anais Congresso de Educação Básica: aprendizagem e currículo. Florianópolis. 2012.

GUZZO, L.S. R. A escola amordaçada e o compromisso do psicólogo com esse contexto. In _____ **Psicologia escolar e Compromisso Social**. Campinas-SP, Editora Alínea, 3ª Edição, 2015. P.13—27.

MALUF, R. M; CRUCES, V. V. A; **Psicologia educacional na contemporaneidade. Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 87-99, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415711X2008000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 set. 2019.

MARTINEZ, A.M.O que pode fazer o psicólogo na escola? Brasília,v.23,n.83,p.39-56,2010.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MILLMANA, Josiane. Dúvidas na Orientação Profissional. You Tobe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bRVpmQQ-SXM>. Acesso em 04/05/2018 as 17:00

MUNANGA, KABENGELE. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. In _____ **Sociedade e Cultura**. Goiânia- Brasil, vol. 4, núm. 2, julho-diciembre, 2001, pp. 31-43.

NETTO P. S.L; As origens do desenvolvimento da psicologia escolar. In _____ Wechsler M. S. (Org.) **Psicologia Escolar: pesquisa, formação e prática**. Campinas, SP: Editora alínea, 4ªedição, 2011.p.14-30.

NORONHA, A. P. P; AMBIEL, R. A. M. Orientação profissional e vocacional: análise da produção científica. Psico-USf, v. 11, n. 1, p. 75-84, 2006.

PAPALIA E.D; FELDMAN D. R. **Desenvolvimento humano**.12ª edição, Porto Alegre, 2011.

PIMENTA, S. G. – **Orientação Vocacional e decisão**: Estudo crítico da situação no Brasil. 2ª Edição, São Paulo; Ed. Loyola, 1981.